

A PRISÃO DO ENGANADOR DAS NAÇÕES

The Prison of Nations Deceiver

Dr. Vanderlei Alberto Schach¹

RESUMO

O presente artigo trata, a partir de Mc 1.21-28, sobre um caso de exorcismo e, a partir deste, a manifestação do reino de Deus, bem como seu desenvolvimento e a consequente derrota do reino de Satanás. Igualmente merecem destaque a perseverança da Igreja e sua ação para a propagação do reino de Deus na terra.

Palavras-chave: Reino de Deus. Jesus. Satanás.

ABSTRACT

This article comes from Mark 1.21-28 on a case of exorcism and from this the manifestation of the kingdom of God and its development and the consequent defeat of Satan's kingdom. Also highlighted are the perseverance of the Church and its action for the spread of God's kingdom on earth.

Keywords: Kingdom of God. Jesus. Satan.

1 O autor é bacharel em Teologia, mestre em Teologia (Bíblia) e doutor em Teologia Prática, pastor e professor na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS). Pesquisa sobre crianças em situação de vulnerabilidade afetiva. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Conforme o texto de Apocalipse 20.1-3, as nações vinham sendo enganadas por Satanás. O profeta Jeremias (9.6) também menciona que o povo se recusa a reconhecer Deus por causa do engano. Parece que há um sistema organizado para enganar as nações, de forma que não reconheçam o Deus verdadeiro que pode livrar de todo engano.

Neste sentido, este artigo se propõe a descrever a prisão de Satanás, o enganador das nações, para que estas possam ficar livres para conhecer o Deus Libertador. Com a chegada do Messias, as nações param de ser enganadas e reconhecem o verdadeiro Deus. A indagação que surge é: como este engano às nações parou? ou ainda continua?

Far-se-á uma tentativa de resposta à questão acima abordada, mostrando que, com Jesus Cristo, as nações podem chegar ao verdadeiro conhecimento sem engano. Esta tentativa se dará a partir do estudo da perícope do evangelho de Marcos 1.21-28.

1. O INÍCIO DA PRISÃO NO EVANGELHO DE MARCOS

1.1 Contexto literário

O primeiro milagre de Jesus narrado por Marcos em seu Evangelho é exatamente um ato de exorcismo (1.21-28). Enquanto isso, Mateus narra a cura de um leproso (8.1-4) como primeiro milagre; e Lucas narra alguns ensinamentos (4.14-29) de Jesus para então descre-

ver a expulsão do espírito imundo (4.31-37).

Parece que Marcos vai descrever em seu Evangelho uma espécie de conflito entre o bem e o mal. Esse fato é observado nos relatos de Marcos em 1.32; 3.22; 5.1-20; 7.29; 9.14-32. Assim percebe-se que o conflito permeia todo evangelho.

No texto imediatamente anterior da perícopes em questão, Marcos trata do chamado vocacional dos primeiros discípulos de Jesus (1.14-20), mas ainda antes, Marcos descreve a tentação de Jesus em poucas palavras: “Ali esteve quarenta dias, sendo tentado por Satanás. Estava com os animais selvagens, e os anjos o serviam” (1.13).

Após o texto em destaque, Jesus continua com sua autoridade, praticando exorcismos e curando muitas pessoas (1.34). Marcos vai descrever as primeiras 24 horas do ministério de Jesus da seguinte forma: sábado pela manhã, culto sinagoga (1.21); na sequência, foram para a casa de Pedro (1.29); ao anoitecer, inicia-se uma sessão de curas na rua (1.32); ainda madrugada, Jesus acordou mais cedo e foi para um lugar deserto orar (1.35); na mesma manhã, Jesus decide ir para os povoados vizinhos pregar (1.38).

Conforme Pohl, cada período do dia corresponde um cenário: sinagoga, casa, rua, deserto; como também quatro tipos de pessoas: judeus piedosos, alguns discípulos, multidão e o tentador. Diante do forte senso de simbologia que pairava na época, este dia poderia ser colocado sob o número quatro. Ainda segundo Pohl, “quatro é o número do universo e da universalidade em si. O evento

do reinado de Deus que se aproxima perpassa todas as horas e cenários e está à altura de qualquer opositor.”² Em outras palavras, poder-se-ia dizer que o reino de Deus chegou para conquistar e dominar através da pessoa de Jesus Cristo.

1.1.1 Contexto satânico da época

No tempo de Jesus Cristo havia muito temor das pessoas em relação aos demônios. Enfermidades de todo tipo eram atribuídas a demônios. Doenças psíquicas por si só já demonstravam que a pessoa não era dona de si mesma. Por falta de hospitais especializados na época, estas doenças eram muitos mais visíveis e temidas. Pessoas daquela época estavam habituadas a tais doenças e viam na cura uma vitória sobre o demônio que as dominava. Contudo, Jesus liga a atividade demoníaca a Satanás em algumas passagens: em Lucas 10.19, Satanás surge como comandante de uma força militar. Lucas usa inclusive o termo δύναμις (dynamis) para descrever o poder satânico e Mateus (12.26) e Lucas (11.18) descrevem como βασιλεία (basileia) o reino de Satanás, que também é o mesmo termo usado para descrever o reino de Deus. Com um jogo de palavras, Jesus designa Satanás como “senhor da casa” que controla os servos.³

2 POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Comentário esperança. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança. 1998, p. 78.

3 JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 155-156.

1.1.2 O significado do exorcismo para Marcos

Enquanto Mateus usa em seu Evangelho o sermão do Monte (5.1-7.29) para fundamentar a autoridade de Jesus, Marcos usa relatos de expulsão de demônios. A perícópe em estudo não aparece em Mateus e para outros três relatos de exorcismo (5.1-20; 7.24-30 e 9.14-29) em Marcos, Mateus apenas descreve paralelamente de forma reduzida. Marcos ainda menciona demônios ou fatos ligados a eles em 1.32-34,39; 3.11-12, 15,22-27; 6.7,13; 9.38-40, e Mateus relata apenas a metade do conteúdo. A ênfase marcana nos demônios certamente se deve aos destinatários cristãos gentios em Roma. Segundo Pohl, “estes leitores eram afetados bem mais pelos demônios do que no judaísmo abençoado pelo Antigo Testamento.”⁴

1.1.3 Ensino sinagoga

Além da existência das sinagogas, que podiam ser inúmeras em uma cidade, existiam os professores da lei. No templo estavam os sacerdotes, e na influência política, os sumo sacerdotes. O conceito de aprovação dos professores encontrava-se no estudo detalhado da lei e sua aplicação prática. O estudo e ensino da lei era mais importante que o templo. Esta observação aparece com a destruição do templo que, mesmo em ruínas, não impediu a continuação do judaísmo através do estudo da lei. “Estes professores da lei o evangelho de Marcos menciona do começo até o fim (11.22 – 15.31), sendo que, de dezesseis passagens, em quinze eles aparecem como inimigos

4 POHL, 1998, p. 78.

consumados de Jesus.”⁵ A inimizade deve-se ao fato de Jesus trazer um novo ensinamento, livre das prescrições culturais legalistas e com uma autoridade que ninguém nunca teve antes. Além destes fatos, Jesus era o que ninguém conseguia ser. Sem começo, sem fim, era eterno e ainda era dotado de atributos que somente poderiam ser designados a ele.

1.2 Estudo de termos gregos

Alguns termos gregos, quando estudados com um pouco mais de profundidade, revelam certa importância para o entendimento da perícope.

v. 22 ἐξεπλήσσοντο significa “ficar atônito, assombrado, fazer uma pessoa perder os sentidos por algum sentimento forte tal como o medo, a admiração, ou até mesmo o júbilo.”⁶ O tempo verbal indica uma ação contínua no tempo passado. A voz é passiva, significando que o sujeito sofre a ação. A admiração das pessoas por Jesus era contínua e a admiração não acontecia a partir delas, mas a partir da ação de Jesus. Conforme léxico grego português baseado em domínios semânticos, as pessoas ficavam tão admiradas que praticamente ficavam sem ação,

5 POHL.,1998, p. 79. Ainda segundo Pohl, Marcos segue descrevendo os inimigos de Jesus a partir de: os fariseus (2.18); os herodianos (3.6); os principais sacerdotes e anciãos (8.21); o sumo sacerdote (14.47); Pilatos (15.1); o povo (15.11) e os soldados romanos (15.16).

6 RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Tradução de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 67.

muito maravilhadadas.⁷

v. 22 ἐξουσία (exousia), uma tradução literal, pode significar: “liberdade de escolha”, “direito”, “poder”, “autoridade”, “poder para governar” e “portador de autoridade”.⁸ Num sentido mais amplo, o mesmo autor define *exousia* como a obra terrestre de Jesus que despojou Satanás. É “aquele a quem Deus enviou e que tem autoridade para destruir as obras do diabo, e de arrebatá-los os homens do seu domínio. À autoridade de Jesus, portanto, atribui-se o poder do exorcismo, o qual ele pode atribuir aos discípulos que envia”.⁹ Louw e Nida ainda definem como sendo um “poder sobrenatural que tem uma função específica no controle do destino e das atividades dos seres humanos.”¹⁰ Robertson menciona que a autoridade que Jesus possuía, vinha de Deus. Ele não precisava citar rabinos e mestres anteriores a ele, mas simplesmente era detentor de *exousia*.¹¹

v. 23 πνεῦμα ἀκαθάρτων (pneuma akatharton) “espírito imundo”. Espírito sobrenatural que é maligno ou impuro da ótica ritual e que faz com que as pessoas fiquem ritualmente impuras, ou seja, impedidas de partici-

7 LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 280. Verbete: 25.219.

8 BETZ, Otto. Poder. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1696.

9 BETZ, In: BROWN; COENEN, 2000, p. 1700.

10 LOUW; NIDA, 2013, p. 134. Verbete: 12.44.

11 ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales em el Nuevo Testamento**. Barcelona: Horeb, 1988, Vol. I, p. 269.

par do culto.¹² Robertson ainda argumenta que o homem estava debaixo da autoridade do espírito imundo, ou seja, maligno. Contudo, Jesus faz distinção entre o homem e o espírito imundo.¹³

v. 24 ἀπόλλυμι (apollymi) “destruir”, “matar”. Este termo usado por Marcos pode significar destruição definitiva. Esta destruição não é apenas no sentido físico, mas muito mais no sentido eterno e de permanecer no Hades, que é o destino desesperador da morte.¹⁴

v. 25 ἐπιτιμῶ (èpitimáō) “reprender” é um termo comum usado em exorcismos. Contudo, Jesus o usa tanto para exorcismo no caso em questão, como em curas de febre (Lc 4.39); silenciar uma tempestade (Mc 4.39). Conforme Angel, aqui nestas situações “Jesus é revelado como Senhor de tudo, exatamente como Javé (Sl 105.9) e como aquele que traz a salvação, pois os demônios fogem diante das ordens dele.”¹⁵

v. 25 φιμώθητι (fimótheti) “por algo sobre ou ao redor da boca de animais, para impedir que comam,

12 LOUW; NIDA, 2013, p. 133. Verbete: 12.39.

13 ROBERTSON, 1988, p. 270.

14 HAHN, Hans-Cristopf. Destruir. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 541. Após um ato de cura efetuado por Jesus no dia de sábado em uma sinagoga da Galileia, os fariseus e herodianos se uniram contra Jesus para decidir em como o a)tole/swsin “destruiriam”. SCHACH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Marcos 3.1-6**. Características e avaliação crítica. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2007, p. 103.

15 ANGEL, Gervais T. D. Exortar. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 770.

amordaçar”.¹⁶ “Fazer com que alguém não tenha nada a dizer, silenciar.”¹⁷ Mesmo após a ordem de Jesus de calar-se, “o espírito imundo sacudiu o homem violentamente e saiu dele gritando.” (1.26). Diante desta situação, destaca-se o fato de que o termo não significa apenas ‘fazer calar’. “Mais próxima está a ideia de amarrar, estrangular, prender, amordaçar e até exilar [...]. O que importa, portanto, é a perda do poder, não da palavra”.¹⁸

v. 27 διδαχῆ (didachē) “ensino”. Em Marcos, a pregação de Jesus é chamada de didache, mesmo sem dar detalhes do seu conteúdo e está vinculado com os milagres de Jesus, sendo estes a marca da autoridade divina por trás do ensino.¹⁹

v. 27 ἐπιτάσσει (epitassei) a preposição ἐπι (epi) tem o significado de estar “sobre, em cima de”.²⁰ A raiz do termo é τάσσω (tasso) e pode significar “apontar para ou indicar para uma posição ofício. Quando está com a preposição pode ser traduzido por “colocar alguém na responsabilidade de”.²¹ Ou seja, é a palavra final de uma autoridade que deixa alguém sem opção de escolha.

16 LOUW; NIDA, 2013, p. 461. Verbete: 44.6.

17 LOUW; NIDA, 2013, p. 360. Verbete: 33.123.

18 POHL, 1998, p. 78-79.

19 WEGENAST, Klaus. Ensinar. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 643-644.

20 GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego/português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 80.

21 GINGRICH, 1984, p. 204.

v. 27 *καινή* (*koinē*)²² “novo”. Novo, no que diz respeito à qualidade em contraste com o tempo”.²³ Relativo a não ser bem conhecido anteriormente, mas tendo significado ou importância – novo previamente desconhecido, algo que não se ouviu falar no passado”.²⁴

v. 27 *ὑπακούω* (*hipakouō*) “obedecer, baseado no fato de se ter dado atenção a – ‘obedecer, obediência.’”²⁵ Segundo Mundle, “o padrão desta obediência é Jesus Cristo, de quem foi dito que Ele foi obediente até a morte na cruz (Fp 2.5,8).” [...] Porém, a “sua obediência ao seu Pai não exclui o fato de ele ser o Senhor a quem obedecem os poderes demoníacos e as forças da natureza.”²⁶

2. TEXTO EM QUESTÃO (1.21-28)

O texto que descreve Jesus na sinagoga, inicia mostrando que “Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar” (1.21). De acordo com Schlatter, a primeira coi-

22 “Se a locução *kat)e)cousi/an* (segundo/com autoridade) é ligada ao que vem antes, como acontece no texto de O Novo Testamento Grego (e também na NRSV, TEB e NTLH), a tradução passa a ser: ‘O que é isso? Um novo ensinamento com autoridade! Ele manda até nos espíritos maus’. Entretanto, caso se fizer um corte antes de *kat) e)cousi/an* (assim na RSV e na ARA), a tradução será: ‘O que é isso? Um novo ensinamento! Com autoridade ele manda até nos espíritos maus.’ Ou seja, a autoridade de Jesus é ligada a seu poder sobre espíritos maus, e não a seu ensino. OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de O Novo Testamento Grego. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 59.

23 RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 68.

24 LOUW; NIDA, 2013, p. 303. Verbete: 28.33.

25 LOUW; NIDA, 2013, p. 417. Verbete: 36.15.

26 MUNDLE, Wilhelm. Ouvir. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar.

Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1486-1487.

sa que ele ofereceu à comunidade foi a sua palavra de autoridade.²⁷ As pessoas que estavam presentes no culto sinagoga admiraram-se com sua autoridade a tal ponto de não conseguirem esboçar uma reação. A autoridade de Jesus não precisava ser reivindicada de mestres da lei que jaziam no passado. Esta autoridade fez com que os demônios entrassem em pânico, temendo que Jesus viesse para destruí-los.²⁸

O reconhecimento do “Santo de Deus” por parte dos demônios conferiu ainda mais autoridade a Jesus, pois os mestres da época não conseguiram atrair para si nenhum reconhecimento dos demônios nem do povo. Se Jesus mantivesse a didática de ensino dos professores da época, não teria feito nenhuma diferença. Essa diferença fez com que Jesus, o verdadeiro mestre, fosse excluído da instituição judaica de ensino, tornando-a vazia e sujeita à condenação. Assim, “Jesus é o cumprimento e fim da sinagoga.”²⁹

Os professores da lei também impressionavam o povo através da sua sabedoria humana. Não falavam nada que não vinha do seu líder maior e este dependia diretamente de Moisés, como João descreve em seu evangelho (9.28): “[...] Nós somos discípulos de Moisés.” Eles

27 SCHLATTER, Adolf. **Die Evangelien nach Markus und Lukas**: Ausgelegt für Bibelleser. Stuttgart: Calwer Verlag, 1969, p. 14.

28 As palavras ἦλθεσ ἀπολέσαι ἡμᾶς “vieste para nos destruir” aparecem em forma de pergunta no Novo Testamento Grego, mas podem também ser entendidas como afirmação “vieste para nos destruir”. Neste entendimento, as palavras mostram conhecimento adicional por parte dos demônios. Mas se as palavras forem entendidas como uma indagação, então revelam medo, além do conhecimento adicional (OMANSON, 2010, p. 59).

29 POHL, 1998, p. 78.

tinham certo orgulho de estar ensinando a lei de Moisés. Portanto, não tomavam nenhuma decisão por si só. Assim eles acreditavam estar conectados à espiritualidade “original de Israel, a revelação do Sinai, e transmitir esta à comunidade para que esta pudesse ser verdadeiro Israel. Por esta razão faziam questão de não ensinar ‘de próprio punho’. Eles estavam convictos de que só assim a vida fluía em cada sábado em cada sinagoga.”³⁰

Para espanto de todos, foi esta tradição milenar que Jesus quebrou.³¹ “Ele não invocava os pais, mas o Pai. Falava não como rabino, mas como Filho. Pronunciou um novo início da revelação. Isto era algo monstruoso: ele não trazia a revelação por meio de um duto do comprimento de séculos, mas era a revelação em pessoa.”³²

Com seu novo método de ensino e pregação, Jesus não só deixava todos perplexos, mas deixava também um peso na consciência de seus inimigos. Eles sabiam quem ele era: “Estes se aproximaram dele e disseram: ‘Mestre, sabemos que és íntegro e que não deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. É certo pagar imposto a César ou não?’” (12.14).

A descrição do desenrolar do culto sinagoga continua no verso 23: εὐθύς (euthys) “imediatamente”, “subitamente”. O mesmo termo, como advérbio de lugar, é encontrado também no verso 18 e 21. Ao total de 54 vezes no Novo Testamento, das quais 42 em Marcos e 11

30 POHL, 1998, p. 80.

31 POHL, 1998, p. 80.

32 POHL, 1998, p. 80.

nos demais evangelhos. Há um fundo teológico no termo. Segundo a explicação de Hahn,

o fator decisivamente novo constitutivo para qualquer conceito cristão do tempo é a convicção de que, com a vinda de Jesus, raiou um *kairos* (tempo, especificamente um tempo dentro do tempo) sem igual, mediante o qual é qualificado o restante do tempo. Mc 1.15 torna claro este fato de modo programático. A nota tônica de Jesus é: “raiou a hora do cumprimento, o reino de Deus já está sendo manifestado aqui e agora; dentro em breve chegará a catástrofe que introduzirá sua vinda definitiva. Faça bom uso do tempo antes de ser tarde demais: é questão de vida ou morte.”³³

Com o termo *ἐυτύς* usado por Marcos, a “simbiose de profano com religioso se rompe e gritos de guerra ecoam pela sinagoga.”³⁴ Para os demônios, as liturgias rabínicas não representavam uma ameaça de destruição, mas com Jesus e seu método de ensino não é mais possível realizar um culto tendo pessoas que são escravizadas pelo *ἐχθρός* “inimigo” número um de Deus. Diante de um novo método de ensino, faz-se necessário um novo método de culto, que exige pessoas totalmente libertas para cultuar a Deus de maneira nova. Com a ruptura, a sinagoga pode ser questionada se ainda é o lugar de onde flui a vida. Marcos, ao mencionar que Jesus ia “nas sinagogas deles” expelindo os demônios” (1.39), já procura mostrar uma possível ruptura de Jesus com a sinagoga.

33 HAHN, 2000, p. 2463.

34 POHL, 1998, p. 81.

Mesmo que o homem estivesse debaixo da autoridade do demônio, Jesus faz distinção entre o mal ou o demônio e o ser humano, ao dizer: “cala-te e sai desse homem” (1.25). Com esta atitude, Jesus tira não somente a palavra do demônio, mas também o poder. É como se o demônio fosse definitivamente amordaçado, ficando sem opção.

Este “cala-te”, acima mencionado, “é uma prerrogativa de quem é senhor. O Senhor do mundo tem exclusividade de duas palavras: Palavra de vida e de condenação do Pai estão à sua disposição.”³⁵ Jesus não oferece espaço ao demônio para uma discussão sobre quem tem autoridade ou a quem pertence o homem como provavelmente era a intenção do demônio e costume³⁶ dos judeus. Como Senhor, Jesus ordena: “cala-te e sai desse homem” (1.25). “Ao ser amarrado (cf 3.27), o demônio perde a condição de poder oferecer resistência. Ele é levado prisioneiro.”³⁷

Assim como o boi em 1Co 9.9 não é impedido de soltar sons, mas de comer, quando com buçal. Também em Mt 12.22,³⁴ e 1Pe 2.15 a questão não é o silêncio em si, mas a incapacidade de impor resistência.

A expressão no plural “o que queres conosco” (1.24) não está referindo-se ao demônio e o homem, mas a todos os demônios. O reino demoníaco está sendo imobilizado, enquanto os humanos estão sendo libertos.

35 POHL, 1998, p. 82.

36 Jesus não usava fórmulas milagrosas, raízes ou vapores anestésicos como os judeus, mas a partir do século II eles se entregam à superstição e diálogo com os demônios e até mesmo eram aconselhados por eles (POHL, 1998, p. 82).

37 POHL, 1998, p. 82.

2.1 A vitória sobre Satanás

No mundo com as nações dominadas por Satanás, Jesus chega não apenas com a autoridade para exercer misericórdia, mas também e principalmente para assumir a luta contra o mal, que é encabeçado por Satanás. Esta luta mostrando Jesus vitorioso ainda é apresentada por Marcos em 3. 26-27; 5.6-10. Para Joachim Jeremias, estas vitórias não são apenas esporádicas, mas significam mais: “São manifestações da aurora do tempo salvífico e do começo da aniquilação de Satã conforme 1.24 ἀπολέσαι [...]. Cada expulsão de um espírito mau operada por Jesus significa uma antecipação da hora em que Satã será visivelmente dominado. As vitórias sobre os seus instrumentos são prolepses do éschaton”.³⁸

Marcos continua a descrever o ministério de Jesus apontando para o fato de que a autoridade dele também era transferida aos seus discípulos. Isso está claro em 3. 14-15; 6.7,13 e tornou-se característico de Jesus conferir aos discípulos autoridade sobre os demônios. O envio dos discípulos como missionários se apresenta sob um tom diferente: tem base cristológica. A relevância atribuída aos exorcismos praticados pelos discípulos evidencia-se com a resposta enfática e de exultação que Jesus dá a eles quando retornam das atividades missionárias : “Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago. Eu lhes dei autoridade para pisarem sobre cobras e escorpiões, e sobre todo poder do inimigo; nada lhes fará dano. Contudo, alegrem-se não porque os espíritos se submetem a vocês, mas porque

38 JEREMIAS, 2008, p. 158.

seus nomes estão escritos nos céus.’ Naquela hora Jesus, exultando no Espírito Santo, disse [...]” (Lc 10.18-21a). De acordo com Jeremias, o termo $\pi\iota\pi\tau\omega$ (piptō) “cair” é nesta passagem como um “quase-passivo semítico, devendo ser traduzido como ‘ser expulso’, significando: ‘Vi Satanás ser expulso do céu e cair como um raio sobre a terra.’”³⁹

Pode-se então dizer, a partir desta tradução e mais do termo $\theta\epsilon\omega\rho\acute{\epsilon}\omega$ (theōreō) “observador”, que Jesus é um espectador da queda do reino satânico enquanto seus discípulos estão pregando o evangelho. Conforme Bauder, o “retrato da queda de Satanás do céu visa mostrar que chegou o fim para o domínio do diabo. O poderoso dominador que até agora tem sido o terror do mundo perdeu seu poder e posição de acusador diante de Deus, numa queda tão rápida como um raio.”⁴⁰ O tempo imperfeito deste verbo indica aquilo que era constantemente repetido, ou seja, “cada expulsão de demônios importava numa queda de Satanás.”⁴¹ Porém, não é o fim; Satanás ainda exigirá adoração para si (13.14). “Só então, no fim dos dias, é que será posto abaixo o pseudodeus.”⁴²

2.2 O final da prisão de Satanás

Na descrição apocalíptica sobre a prisão do enganador das nações, lê-se o seguinte: “Vi descer dos céus um

39 JEREMIAS, 2008, p. 158-159.

40 BAUDER, Wolfgang. Cair. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 264.

41 RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 126.

42 JEREMIAS, 2008, p. 157.

anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o grande dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto⁴³ por um pouco de tempo” (Ap 20.1-3).

De acordo com Jeremias, até ao início do ministério de Jesus, não se encontra registrada nenhuma afirmação da vitória de Jesus sobre Satanás já no presente, nem no judaísmo nem na sinagoga e nem em Qumram. A pregação de Jesus acontece paradoxalmente aos costumes litúrgicos sinagogais da época, portanto somente é perceptível ao que crê. Satanás ainda exerce seu poder, por isso as obras não são suficientes para legitimação da verdadeira fé em Jesus,⁴⁴ podendo até mesmo ser praticadas por ele, conforme 3.22.

Contudo, mesmo que Satanás esteja amordaçado e não tendo todo poder disponível, o evangelho será pregado a todas as nações (13.10). A pregação do evangelho a todas as nações é uma forma, senão a única, de evitar o engano das mesmas. O ser humano deixa de ser um campo de batalhas do poder do mal à medida que o reino do bem vai sendo instalado, expandido, então virá o fim. “Assim Deus vem! Ele envia exorcismos à sua frente, seu

43 Em relação à breve soltura de Satanás, Pohl argumenta que se deve dar a ele todas as possibilidades de defesa, tornando assim o processo jurídico legítimo e definitivamente julgado não cabendo mais recurso (POHL, Adolf. **Apocalipse de João**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2001, vol. II, p. 223).

44 JEREMIAS, 2008, p. 159.

mundo respirará livre de demônios depois que o céu e a terra tiverem sido transformados por seu poder”⁴⁵ que em parte atua através da igreja de Cristo.

A igreja combate o mal através da “proclamação, ação social, serviço e profetismo.” Ainda conforme Richard Bauckham, citado pelo missiólogo Tomé Fernandes, referindo-se ao livro de Apocalipse, diz que a “profecia de João é inicialmente uma revelação às igrejas do papel que elas têm a cumprir como testemunhas proféticas às nações, mas também, indiretamente, é o conteúdo do testemunho profético das igrejas às nações”.⁴⁶

Como forma prática do fim do reinado satânico, pode-se apresentar os seguintes dados obtidos nos congressos Movimento de Lausane nas últimas quatro décadas:

MOVIMENTO	ANO	Nº DE POVOS NÃO ALCANÇADOS
Lausane I	1974	16.000
Lausane II	1989	8.000
Lausane III	2010	4.000

No ano de 1974, conforme o Movimento de Lausane I, realizado na Suíça, os povos não alcançados do mundo somavam 16 mil; no Lausane II, em Manila, nas Filipinas em 1989 eram 8 mil e no último, realizado no ano de 2010, em Cape Town, na África do Sul, eram 4

45 POHL, 1998, p. 79.

46 FERNANDES, Tomé A. **Os cânticos do Apocalipse**. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 2008, p. 54.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este breve artigo, percebe-se que Satanás ainda atua. Esta percepção poderia dar a impressão de que o mal tem a decisão final e que o testemunho da igreja é inútil. O que deve ser entendido é que Satanás está amordaçado, porém ainda atua parcialmente. É como um boi em que foi colocado um buçal. Ele não pode comer, mas trabalha na debulha ou puxando o arado. Por este motivo, é importante destacar a consciência da instalação do reino de Deus. Esta consciência aponta para uma nova linha de interpretação, ou seja, a verdade vai prevalecer acontecendo através do ministério de Jesus Cristo e a submissão da sua igreja a ele.

Questões de exploração, violência e opressão nem sempre acontecem a nível espiritual ou em forma de possessão demoníaca. A igreja precisa estar atenta ao que está acontecendo na sociedade onde está inserida. Quando uma criança não tem acesso à saúde básica, ou falta de água potável para população ou falta de segurança, a igreja já deveria intervir de alguma forma, através da missão profética, para dar às pessoas condições dignas de sobrevivência. É o mínimo que Jesus fazia nos cultos sinagogais ou mesmo ao ar livre. Logo, a consciência do Reino é um desafio para que a igreja continue a perceber e desenvol-

47 VOCÊ sabe quem são os povos não alcançados? Disponível em: < http://www.pibig.com.br/index.php?p=materias_ver&cid=288>. Acesso em 01 de jun. 2016. Os números são oriundos da missiologia e são números aproximados.

ver formas de combate ao mal.

Neste período em que Satanás ainda está atuando, o cristão sofre ainda algumas dificuldades, principalmente em tempos difíceis que provavelmente se estenderão até a *parusia*. Durante esse período, vive-se em constante tensão escatológica, o já e o ainda não já. Contudo, não se pode dar espaço para desânimo, mas estar munido de oração e vigilância para que os deveres eclesiásticos e diaconais possam ser cumpridos, assim como os discípulos de Jesus deixaram exemplo a ser seguido.

Jesus também radicalizou o reino do mal, considerando-o como unidade, ou seja, não fragmentado. Desta forma, o mal não é mais visto como um poder em subdivisões e as pessoas ainda estão à “disposição” de Satanás. Essa percepção de Jesus da realidade do mal aponta para o fato de que ainda não atingiu seu auge e Satanás exigirá para si mesmo a adoração que é devida a Deus. Após reivindicação, então ele será finalmente destruído e Jesus Cristo reinará sobre seu povo para sempre e seu reinado não terá fim (Lc 1.33), estando as nações totalmente livres da influência do mal e vivendo algo novo, que ninguém ainda viu.

Se Satanás é destruído pela ação da igreja, pregando o evangelho e expulsando demônios, torna-se indispensável a urgência do trabalho missionário para alcançar os não-alcançados pelo evangelho! É importante também ensinar aos cristãos sobre a obra e a ação de Satanás na vida das pessoas como uma realidade, e não como um mito. Dizer que uma pessoa não pode estar possesa

porque isso não existe, atrapalha a verdade que a pessoa possua precisa para ser liberta deste “espírito maligno”. Muitas passagens no NT narram a expulsão de demônios. E, com certeza, ainda hoje existem pessoas que passam por este tipo de dificuldade. Os cristãos não precisam temer “lidar” com uma pessoa possua, mas precisam crer na libertação que Jesus pode oferecer a esta pessoa, através da vida de um cristão que se interesse por ela.

Atualmente muitas doenças são confundidas com possessão. Seja depressão, esquizofrenia ou outras... É necessário tomar cuidado para não julgar as pessoas demasiadamente, impondo-lhes algo que não seja verdadeiro. Cada caso é um caso. Uma pessoa pode ter uma doença física, que talvez não signifique que está espiritualmente nas mãos de Satanás. Deve-se como cristãos ter em mente mais o poder de Deus para libertar as pessoas de todo mal que as aprisiona, do que viver com medo do que Satanás pode fazer nelas.

A missão do cristão, da igreja, é ir e pregar o evangelho a todas as pessoas, não importando se será necessário expulsar demônios, ou enfrentar líderes (espirituais, políticos, ...) que são barreiras ao evangelho, ou qualquer coisa que venha a se opor à libertação que Jesus oferece às nações.

REFERÊNCIAS

ANGEL, Gervais T. D. Exortar. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BAUDER, Wolfgang. Cair. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BETZ, Otto. Poder. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

FERNANDES, Tomé A. **Os cânticos do Apocalipse**. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 2008.

GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego/português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HAHN, Hans-Cristopf. Destruir. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MUNDLE, Wilhelm. Ouvir. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de O Novo Testamento Grego. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

POHL, Adolf. **Apocalipse de João**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2001. Vol. II.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**: comentário esperança. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Tradução de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales em el Nuevo Testamento**. Barcelona: Horeb, 1988. Vol. I.

SCHACH, Vanderlei Alberto. **Fariseus e Jesus**: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Marcos 3.1-6. Características e avaliação crítica. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2007.

SCHLATTER, Adolf. **Die Evangelien nach Markus und Lukas**: Ausgelegt für Bibelleser. Stuttgart: Calwer

Verlag, 1969.

VOCÊ sabe quem são os povos não alcançados?

Disponível em: < http://www.pibig.com.br/index.php?p=materias_ver&id=288>.

WEGENAST, Klaus. Ensinar. In: BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma
Licença Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0
Internacional